

Introdução

O livro que agora se apresenta pretende aprofundar os primeiros anos da história de um dos meios de comunicação mais poderosos em Portugal durante a vigência do Estado Novo: a Emissora Nacional. Tendo iniciado as suas emissões experimentais durante a primeira metade da década de 1930, a estação oficial de radiodifusão deu os primeiros passos num período histórico marcado pela afirmação do novo regime, que se apresentava ao país como uma alternativa à instabilidade política que havia caracterizado o cenário político após a implantação da República. Tratando-se de um novo meio de comunicação, que se vulgarizou nas primeiras décadas do século XX, a radiodifusão desempenhou um papel crucial na afirmação dos regimes totalitários e autoritários da Europa, cujo poder assentava, em grande parte, na capacidade de propaganda que lhes era intrínseca. No caso português, as técnicas propagandísticas utilizadas pelo Estado Novo foram até hoje um objecto de estudo pouco aprofundado, pelo que este pretende ser um primeiro contributo para a compreensão das estratégias implementadas pelo regime de Oliveira Salazar, com o intuito de utilizar a seu favor a comunicação de massas, que adquiriu uma visibilidade mais alargada após o florescimento da rádio.

Na realidade, a radiodifusão, que no caso português se iniciou de forma profissional na década de 30, foi o primeiro meio a conseguir atingir um público vasto e heterogéneo, ainda que a penetração do meio rádio em Portugal tivesse sido mais lenta do que na maioria dos países europeus, mercê de dificuldades económicas e de baixos índices de formação que impediam que a maioria da população se interessasse pelo potencial deste novo meio. Ainda assim, ao longo da segunda metade da década de 30 e de toda a década de 40, o número de aparelhos receptores não parou de aumentar,

potenciando a difusão de mensagens propagandísticas junto de um número crescente de ouvintes. Na Europa foi esta capacidade de chegar junto de uma grande massa de indivíduos que atraiu o interesse dos regimes contemporâneos do Estado Novo. No caso português, procuraremos descobrir de que forma a radiodifusão foi explorada pelo poder político e qual a sua contribuição para a difusão do ideário salazarista.

Ao optarmos por uma análise histórica do meio rádio, iremos dar particular relevo à contextualização político-social do objecto de estudo, dado partirmos do pressuposto de que a inserção dos media no seu contexto se reveste da maior importância para a compreensão dos fenómenos comunicacionais. Tal como refere James Curran, a pesquisa histórica em comunicação tem sido objecto de muito pouco interesse por parte da investigação contemporânea¹ – apesar da sua capital importância, na medida em que as alterações operadas na sociedade e nos *media* são em parte interdependentes.

Delimitação do objecto de estudo

Ao tomarmos a radiodifusão pública como objecto de estudo deparámo-nos com a impossibilidade de a abordar em toda a sua complexidade, pelo que optámos por restringir a nossa análise ao período cronológico situado entre as primeiras emissões experimentais da Emissora Nacional – 1933 – e o final da Segunda Guerra Mundial. Este período temporal contém, a nosso ver, características distintivas quando comparado com os anos seguintes, marcados pela implementação de estratégias de programação claramente orientadas para a defesa do regime perante a nova realidade geopolítica saída do conflito de 1939-1945.

A partir dos últimos meses de 1944 são visíveis alterações na orientação da linha propagandística do Estado Novo, na sequência da previsível vitória dos Aliados e da consequente derrota dos regimes ideologicamente mais próximos do Estado Novo. Por esta razão, a nossa análise terminará em Fevereiro de 1945, dado que, embora o conflito armado se tenha prolongado até 8 de Maio, as estratégias de programação influenciadas pela derrota das potências do Eixo começaram a ser implementadas alguns meses antes.

Como *corpus* de análise tomámos, em primeiro lugar, as mensagens produzidas pela estação oficial de radiodifusão e reproduzidas em algumas publicações da época, visto ser muito reduzido o número de gravações existentes. Foram igualmente analisados os discursos e os escritos que espelham o pensamento dos dirigentes políticos e radiofónicos da época, de forma a ser determinada a visão que estes possuíam sobre o novo fenómeno comunicacional. Aliás, o caso português é algo *sui generis* pelo facto de a rádio ter nascido num contexto político autoritário, ao contrário do que sucedeu noutros estados, nomeadamente o alemão e o espanhol, onde a radiodifusão iniciou o seu desenvolvimento antes da chegada ao poder dos regimes ditatoriais.

Igualmente objecto de análise foi a organização interna da Emissora Nacional e a forma como eram produzidos os espaços informativos, culturais e de entretenimento. Por outro lado, tentamos identificar o grau de controlo que era exercido sobre os profissionais da estação oficial, em comparação com o que se passava na imprensa e nas emissoras privadas. Desta forma, procuramos comparar a realidade que se vivia na estação oficial com o que se passava no Rádio Clube Português e na Rádio Renascença, por se tratar das duas emissoras privadas com maior impacto na sociedade portuguesa durante todo o Estado Novo. As restantes estações emitiam em períodos horários reduzidos, em virtude de dificuldades financeiras e da falta de autorização política para o alargamento das horas de transmissão.

Metodologia e estrutura da investigação

Tratando-se de um estudo no âmbito das Ciências da Comunicação, a presente investigação baseia-se num corpo teórico interdisciplinar oriundo das Ciências Sociais e dos Estudos de Cultura. Ao analisarmos o papel desempenhado pela Emissora Nacional como meio de veiculação de conteúdos ideológicos, socorremo-nos dos conceitos de persuasão e de efeitos dos *media* desenvolvidos pela corrente funcionalista, que adquiriu uma grande visibilidade a partir de meados do século XX, principalmente nos Estados Unidos. Por outro lado, encarámos igualmente o nosso objecto de estudo tentando compreender de que forma as mensagens produzidas pela radiodifusão expressam uma variedade de expressões culturais e de rituais da vida quotidiana.

Segundo Stuart Hall, a pesquisa em comunicação pode situar-se na perspectiva do *encoding* e/ou do *decoding*, dado que, para este autor, a complexidade da comunicação humana apenas pode ser apreendida através da compreensão dos processos de codificação e decodificação das mensagens, levados a cabo, respectivamente, pelos *media* (enquanto emissores) e pelos receptores.² O nosso estudo situa-se primordialmente na perspectiva do *encoding*, uma vez que procuramos analisar a construção das mensagens produzidas pela Emissora Nacional, bem como os actores singulares e colectivos que intervinham nessa mesma produção. Neste sentido, dedicámos especial atenção ao pensamento desenvolvido pelas personalidades que assumiram cargos de direcção no interior da Emissora Nacional. Foi igualmente focada a forma como o próprio regime, enquanto entidade colectiva, encarava o fenómeno da radiodifusão. Paralelamente, não foi por nós ignorado o peso que as formas de propriedade assumiram no universo radiofónico do Estado Novo, procurando identificar, sempre que possível, características distintivas entre a estação oficial – propriedade do Estado – e as estações privadas.

Reafirmando o que atrás ficou dito, o presente estudo centra a sua abordagem no emissor produtor das mensagens radiofónicas, na tentativa de compreender quem as produzia, como e por quem elas eram controladas. Além do emissor (*quem*), a presente investigação dá também particular relevo à mensagem (*o quê*), tentando anali-

sar a sua componente propagandística, na medida em que interessa conhecer de que forma os *outputs* da Emissora Nacional se integravam ou não na lógica de propaganda do regime autoritário. Nesta abordagem ao conteúdo das mensagens iremos seguir o plano de trabalho proposto por Garth Jowett e Victoria O'Donnell para análise da propaganda, definida como um processo comunicacional que visa alcançar objectivos predeterminados e desejados pelo emissor. Trata-se de um modelo em dez etapas que passa pela identificação, descrição e interpretação dos seguintes dados³:

1. Ideologia e propósito da campanha de propaganda
2. Contexto em que a propaganda ocorre
3. Sujeito emissor da propaganda
4. Estrutura da organização encarregada da propaganda
5. Audiência-alvo da propaganda
6. Técnicas mediáticas utilizadas
7. Técnicas de propaganda especiais
8. Reacção da audiência às diversas técnicas
9. Contrapropaganda, caso exista
10. Efeitos e avaliação

Na primeira e segunda partes do presente livro são feitas referências ao peso que a radiodifusão adquiriu como arma política nas primeiras décadas do século XX, sendo também caracterizada a ideologia subjacente ao regime que então vigorava em Portugal. Paralelamente, é feita uma caracterização sumária do contexto em que toda a actividade propagandística se desenvolveu. Desta forma, iremos ao encontro do que Garth Jowett e Victoria O'Donnell definem para as primeiras três etapas de conhecimento da propaganda.

Na terceira parte dar-se-á especial destaque às estruturas encarregadas da actividade propagandística, começando por uma descrição breve do nascimento da radiodifusão privada, com vista à identificação dos pontos de contacto e divergência com a rádio pública. São igualmente feitas referências às relações da Emissora Nacional com outros meios de propaganda do regime de Oliveira Salazar. Tal merece particular atenção pelo facto de nos permitir compreender o verdadeiro papel desempenhado pela estação oficial na estrutura propagandística do regime. Terá este meio de comunicação assumido uma importância central ou meramente complementar no sedimentar do Estado Novo e no desenvolvimento das suas estratégias de propaganda? Para responder a esta questão parece-nos imprescindível compreender as relações entre a estação oficial e o Secretariado da Propaganda Nacional, descortinando se o relacionamento institucional entre as duas entidades permitia ou não a realização de actividades complementares. Para tal, procedeu-se a uma breve descrição das principais estruturas encarregadas da actividade de propaganda e das relações que mantinham entre si (etapa 4).

Na quarta parte são fornecidos dados sobre a audiência potencial dos diversos meios de propaganda ao dispor do Estado Novo, com particular destaque para a ra-

diodifusão (etapa 5). São igualmente descritas algumas das técnicas de propaganda utilizadas nos anos de afirmação do regime e da sua convivência com a Guerra Civil Espanhola (etapas 6 e 7).

O aparecimento de um clima de guerra na Europa e o posterior deflagrar do conflito mundial são também analisados na quarta parte, em que paralelamente procuramos identificar as estratégias de programação e de propaganda colocadas em prática pela estação oficial neste período. Além de ter sido utilizada como meio de propaganda da neutralidade portuguesa na guerra, a Emissora Nacional permaneceu como um forte elemento de unidade nacional, num período histórico que marcou a primeira crise do regime de Oliveira Salazar. Aliás, as estratégias de propaganda operadas pela Emissora Nacional só podem ser entendidas no contexto de proliferação de propaganda estrangeira que se viveu em Portugal durante a guerra e ao qual faremos uma breve alusão.

As mensagens que as forças beligerantes conseguiam fazer circular, na metrópole e nas colónias portuguesas, através da rádio, da imprensa, de cartazes, etc. funcionavam, em muitos casos, como contrapropaganda em relação ao que era difundido pelos próprios organismos oficiais do regime salazarista. Ao identificar as linhas gerais dessa «contrapropaganda» procuramos ir ao encontro da nona etapa do plano de trabalho proposto por Garth Jowett e Victoria O'Donnell. As etapas 8 e 10 não serão por nós seguidas, dado situarem-se na perspectiva do *decoding*, encontrando-se por esta razão para além dos objectivos propostos para esta investigação.

Compreender as vivências no interior da Emissora Nacional (*quem*) e as mensagens por esta produzidas (*o quê*) é algo apenas passível de ser realizado se levarmos permanentemente em linha de conta as relações do meio rádio com as esferas política, económica e social. Só deste modo podemos descobrir como as mudanças no meio rádio influenciaram e foram influenciadas pelas mudanças vividas no período em análise, nomeadamente as alterações que foram sendo introduzidas nas estratégias de propaganda do regime através do Secretariado da Propaganda Nacional dirigido por António Ferro. Este tipo de abordagem – que Michael Schudson denominou de *history proper*⁴ – permite-nos compreender de que forma o meio rádio se integrava na sociedade do Estado Novo.

A investigação, além de seguir o plano de trabalho sobre propaganda e a perspectiva de *history proper*, descritos anteriormente, baseia-se no modelo metodológico proposto por Maria Immacolata Vassalo Lopes para os Estudos em Comunicação.⁵ Assim, após a definição do objecto de estudo, passou-se à fase de observação dos dados, tanto qualitativos como quantitativos.

Tendo em conta que a nossa pesquisa incide sobretudo em textos e documentos da época, socorremo-nos, numa fase inicial, de dados qualitativos. Contudo, e de forma a complementar a visão sobre a estrutura de programação da Emissora Nacional, recorreremos igualmente à construção de bases de dados quantitativas, tendo como *corpus* de análise as grelhas de programas publicadas na revista *Boletim da Emissora Nacional* – entre Agosto de 1935 e Julho de 1936 – e no jornal *Rádio Nacional* – publicado a partir de Agosto de 1937.

Após uma primeira leitura das grelhas, procedemos à construção de uma amostra baseada nas programações dos meses de Novembro, por considerarmos ser este o mês que melhor espelha as estratégias de programação que foram sendo implementadas ao longo dos anos. Assim, embora as alterações anuais nas grelhas de programas entrassem normalmente em vigor em Outubro, o facto de se tratar de um mês em que se procedia sempre a acertos de emissão (devido a falhas nos planos traçados), reforçou a nossa preferência pelo mês de Novembro. Por seu lado, Dezembro também não reunia condições para se constituir como um mês-tipo no que se refere à grelha de programação, em virtude das alterações e adaptações decorrentes da quadra natalícia.

Os dados foram inseridos em categorias que emergiram do próprio material analisado, espelhando os diversos tipos de conteúdos transmitidos pela Emissora Nacional. Optou-se, pois, por uma análise indutiva que preenche a quinta parte do presente estudo.

Do que atrás ficou dito sobressai que as fases de descrição e de interpretação foram realizadas praticamente em simultâneo. Como atesta Maria Immacolata Vassalo Lopes, estas duas fases são bastante complexas de isolar, na medida em que a realização de uma interpretação obriga a um retrocesso permanente à fase anterior, enquanto a descrição é também realizada tendo em conta as interpretações levadas a cabo pelo investigador.

Fontes de investigação

O trabalho de pesquisa bibliográfica centra-se sobretudo em obras dedicadas ao Estado Novo, à propaganda e à rádio nas décadas de 30 e 40, embora a literatura existente sobre este último tema seja bastante reduzida. Socorremo-nos igualmente de publicações periódicas da época, nomeadamente as editadas pela própria emissora oficial de radiodifusão. É o caso do *Boletim da Emissora Nacional*, publicado com periodicidade mensal entre Agosto de 1935 e Julho de 1936. Em 1937, este título, com artigos de fundo sobre a missão da Emissora Nacional e com textos de palestras emitidas na estação, foi substituído pelo *Rádio Nacional*, com periodicidade semanal. Este último é um jornal dedicado exclusivamente à Emissora Nacional até 1939, ano em que alargou o âmbito dos seus artigos, noticiando também eventos e grelhas de programação do Rádio Clube Português e da Rádio Renascença.

No caso dos artigos de imprensa, a sua análise mereceu um cuidado especial, dado constituírem textos produzidos segundo as rotinas produtivas dos *media*, marcados pela percepção dos seus autores sobre os acontecimentos e pelas fontes que veiculam a informação, nomeadamente pelos definidores primários que – segundo Stuart Hall – estão presentes durante a fase de elaboração da esmagadora maioria das notícias, devido à credibilidade acrescida que lhes é atribuída pelos meios de comunicação. Por outro lado, não podemos ignorar que, no período em questão, a produção noticiosa – além das influências decorrentes das rotinas produtivas, tal como descritas por Mauro Wolf⁶ – era altamente condicionada pela existência de um regime de censura prévia.

No que se refere à pesquisa documental, foram analisados diversos documentos primários, tanto escritos como não escritos, provenientes sobretudo dos arquivos António Oliveira Salazar, PIDE/DGS, Ministério do Interior e Radiodifusão Portuguesa. Infelizmente, não foi possível a consulta no Arquivo do Secretariado da Propaganda Nacional, encontrando-se o fundo ainda em fase de inventariação, a cargo da Torre do Tombo. Futuros trabalhos que possam utilizar documentos deste arquivo como fonte poderão certamente revelar novos dados sobre a problemática da radiodifusão durante a vigência do Estado Novo.

Nos arquivos Oliveira Salazar e PIDE/DGS encontrámos sobretudo documentos com informação sobre as políticas adoptadas pelo regime em relação ao meio rádio em geral e à Emissora Nacional em particular. Por outro lado, foram também recolhidas informações sobre mecanismos de controlo dos conteúdos transmitidos pelas estações, existindo igualmente documentação diversa sobre tomadas de posição do Governo em relação à propaganda estrangeira que circulava em Portugal.

A pesquisa no centro de documentação da RDP, entretanto extinto, possibilitou-nos a recolha de informação valiosa sobre a organização interna e o funcionamento da Emissora Nacional, dado que do espólio deste centro faziam parte documentos produzidos pelas diversas direcções da estação oficial. Paralelamente, foram analisadas gravações de algumas emissões da Emissora Nacional que se encontram em suporte áudio no Arquivo Histórico da Radiodifusão Portuguesa. Contudo, e apesar do esforço louvável do responsável pelo arquivo, as dificuldades de acesso tornaram impossível uma pesquisa mais aprofundada nos registos sonoros da Emissora Nacional.

Paralelamente aos entraves de ordem administrativa no acesso ao arquivo sonoro, é preciso levar em linha de conta que nos primeiros anos de emissões não foram realizadas gravações regulares, uma vez que tal acarretava custos avultados, e, como teremos oportunidade de verificar, a estação oficial, ao longo do período em estudo, viveu sempre com dificuldades financeiras. Por esta razão, as gravações existentes são em número muito reduzido e cingem-se essencialmente a reportagens e discursos pronunciados na estação por personalidades afectas ao regime, não existindo praticamente registos das emissões ordinárias.

Com o intuito de recolher mais dados sobre o quotidiano da Emissora Nacional nos primeiros anos da sua existência, socorremo-nos igualmente de um testemunho oral recolhido em entrevista semidirectiva com Fernando Pessa, cuja memória gostaríamos de invocar, agradecendo a sua valiosa colaboração. Para o tratamento dos dados da entrevista foi seguida a metodologia proposta por Christian Maroy, recorrendo-se à técnica de descrição analítica, que permite que a definição de categorias surja indutivamente a partir dos dados.⁷